





# in:

**apresentação** 006 - 007

**capítulo 01** 008 - 009

01 - contexto histórico 010 - 011  
02- estado da arte 012 - 013  
03 - referências 014 - 015

**capítulo 02** 016 - 017

01 - localidades 018 - 019  
02- área de intervenção 020 - 021  
03 - mapas de situação e localização 022 - 023  
04 - plano diretor 024 - 025  
05 - estudo do terreno 026 - 027  
06 - fotos do terreno 028 - 029

**capítulo 03** 030 - 031

01 - o projeto 32 - 60

# ap:

A proposta para o Museu do Mobiliário Brasileiro no Rio de Janeiro surge a partir da necessidade de se democratizar o macro tema da produção nacional de mobiliário, que é pouco difundida fora do mercado de arquitetura e design, e, por consequência, pouco conhecida pelos próprios brasileiros.

A ideia do museu como ponto de partida para a tipologia projetual é justificada para contrapor a ideia de que os museus são frequentemente assimilados como uma obrigação cultural “tediosa”, pouco participativa e inclusiva, que expõe obras primas intocáveis, indiscutíveis e inacessíveis, principalmente no Brasil, onde a cultura nacional é pouco valorizada. Histórias nacionais por vezes sofrem críticas diante de tendências da história mundial, que são vistas como sendo livres e de limitações sociopolíticas. No entanto, as histórias nacionais de design podem servir como valiosas pautas para a análise da cultura nacional, principalmente no âmbito do design, e mais precisamente, do mobiliário. Nesse contexto, a cidade do Rio de Janeiro se apresenta como o cenário perfeito para o projeto: nos anos 60, destacou-se por ser o ponto da efervescência cultural do país, a originalidade do produtos

e sua receptividade nacional e internacional, bem como a maior ênfase nas relações entre aspectos da cultura popular e do design. Entre os anos 30 e 60, deteve a maioria das iniciativas em matéria de modernização da mobília nacional. Na qualidade de Capital Federal, concentrava boa parte dos recursos para investimentos em obras públicas, surgindo daí uma demanda bem característica de produção de mobiliário para escritório. Ainda, a contribuição de arquitetos cariocas para a modernização da mobília foi bastante expressiva, mesmo que como extensão de sua própria arquitetura, direcionada pela busca da unidade do espaço construído. Entretanto, alguns móveis de arquitetos acabaram adquirindo grande valorização e entraram para o circuito comercial. Tal grupo de arquitetos cariocas era liderado por Lucio Costa e Oscar Niemeyer, que fomentaram, sobremaneira, o surgimento de uma nova estética para o mobiliário nacional, que se consolidou a partir dos anos 60, quando foi gradativamente absorvido pela indústria. Tem-se assim como objetivo primordial do trabalho estudar os possíveis ganhos culturais econômicos e sociais que podem decorrer da implantação da temática projetual proposta.



**cap 01:**

## contexto histórico:

Georges-Henri Rivière, primeiro diretor do Conselho Internacional dos Museus, define o museu como “uma instituição a serviço da sociedade que adquire, conserva, comunica e expõe com a finalidade de aumentar o saber, salvaguardar e desenvolver o patrimônio, a educação e a cultura, bens representativos da natureza e do homem”.

Nesse sentido, entende-se o papel da museologia em tratar da relação intrínseca entre a história da arquitetura dos museus e a história da arte e do conhecimento, o papel dos museus na sociedade, pesquisa, conservação, organização e tipologias. Para Danièle Giraudy e Henri Bonilhet, o estudo dos museus deve considerar quatro elementos: o prédio, o acervo, o público e, interligando os três primeiros, a equipe que trabalha no museu. De acordo com a autora, no prédio acontecem as primeiras manifestações da arquitetura expositiva: ao considerar o arranjo do elemento no espaço dos primeiros museus, ela define uma tipologia que distingue galerias de aparato e galerias de antiguidade.

As galerias de aparato eram encomendadas por monarcas, príncipes ou papas para suas residências e destinavam-se essencialmente, pela justaposição de obras excepcionais, ao deslum-

bramento de seus visitantes. Uma galeria desse tipo apresenta-se geralmente como uma sala muito longa, com numerosas arcadas ou janelas de um lado, pelas quais penetra a luz que ilumina a parede oposta, destinada às pinturas dos maiores artistas da Europa. São os conhecidos museus tradicionais fechados, datados do século XV ao século XIX.

Já a primeira galeria de antiguidades foi criada por um papa romano em 1471, no Museu do Capitólio. Tais galerias se tornarão modelos tanto dos museus de belas-arts como dos grandes museus europeus e americanos de arquitetura neoclássica ou eclética neoclássica, criados entre o final do século XVIII e o século XIX: O Museu Britânico, em Londres; o Louvre, em Paris; A Pinacoteca de Munique; o Metropolitan de Nova York e o Hermitage, em São Petesburgo.

A arquitetura eclética neoclássica tornou-se o padrão do museu tradicional até o advento do museu moderno. A mesma nomenclatura de galeria é aplicada aos espaços privados de comercialização da arte desde o século XIX.

Porém, a forma como observamos as exposições é transformada sobretudo pelos museus de arte, porque neles se desenvolverão as mudanças

mais contundentes na tipologia da arquitetura expositiva, a partir do início do século XX. Giraudy indica como exemplo do processo de racionalização e descarregamento da informação visual o Museu de História da Arte de Viena, que em 1914 começa a distanciar os quadros e colocá-los alinhados um ao lado do outro. Ademais, à luz das ideias e experimentações que seguem as tendências abstratas da Bauhaus, do neoplasticismo e do construtivismo russo, culminou no processo contínuo de racionalização, criando uma arquitetura expositiva em que obra e espaço se tornam uma unidade, dentro de uma estética racional abstrata, usando o piso e o teto na composição do espaço.

Portanto, a herança cultural dos povos, a educação científica das massas, o desenvolvimento e democratização da cultura, presidem à fundação de um número cada vez maior de museus organizados cientificamente em prédios mais diversificados, que começam a preparar serviços anexos que facilitam o acesso do grande público: salas de reunião, recepção, estudo, descans, serviços educativos, serviços de empréstimo, salas reservadas à pesquisadores, etc. É o surgimento dos primeiros museus abertos, com novas abordagens que se distanciam da ideia de museu-templo colonial.

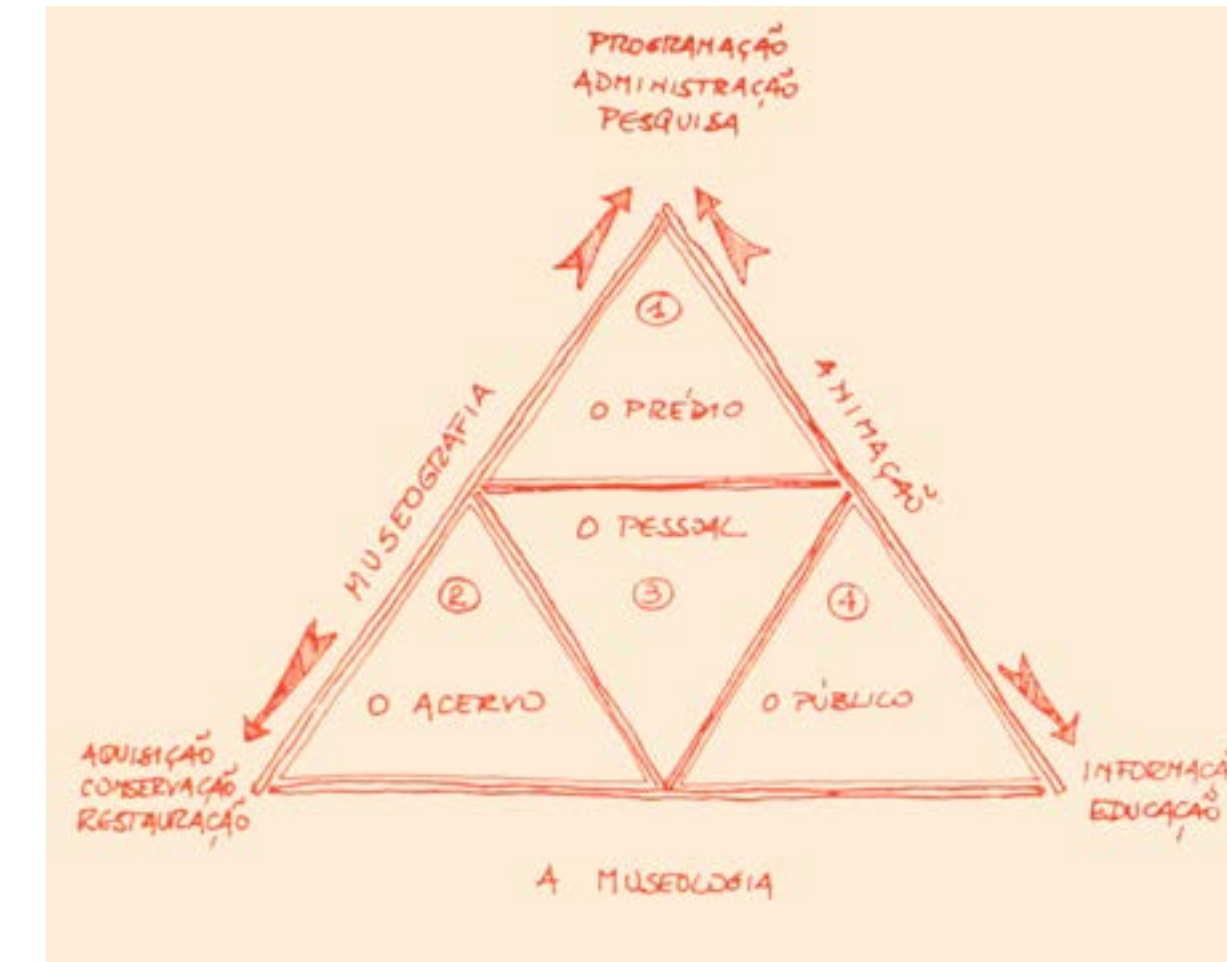


Imagem 01 - Diagrama explicativo dos museus  
Fonte: O Museu e a Vida, pág. 11, GIRAUDY Daniele

## estado da arte:

Hoje, no Brasil não existem museus integralmente dedicados à preservação da memória da produção moveleira nacional. A única instituição que representa, de certa forma, o tema, é o Museu da Casa Brasileira, em São Paulo, por meio de seu acervo que se limita à algumas poltronas e mesas de Sérgio Rodrigues e Lina Bo Bardi, ou quando dada alguma exposição temporária à algum arquiteto ou designer. De acordo com o próprio site da instituição: O Museu da Casa Brasileira (MCB) é a única instituição museológica brasileira dedicada às questões da cultura material da casa brasileira, especializado em design e arquitetura. O equipamento da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo é destaque nacional e internacional em seu segmento, e entre suas inúmeras iniciativas, destaca-se o Prêmio Design Museu da Casa Brasileira, realizado desde 1986. Ele está instalado em uma mansão de estilo neoclássico construída entre 1942 e 1945 para abrigar a residência do ex-prefeito de São Paulo (1934-1938) Fábio da Silva Prado e sua esposa Renata Crespi Prado.

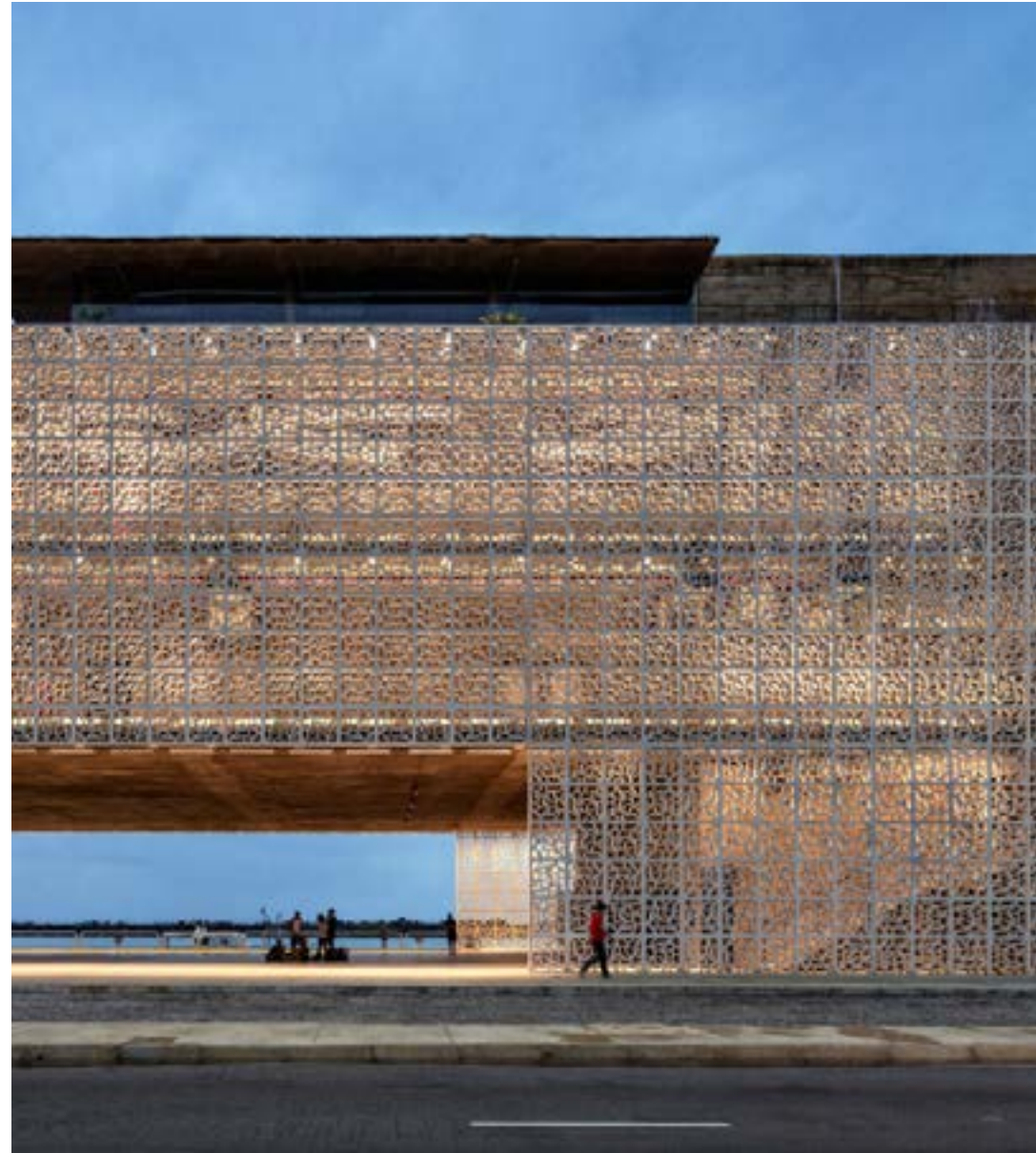
O MCB possui um acervo de cerca de 400 peças representativas da cultura material da casa brasileira dos séculos XVII ao XXI. Entre o final de 2006 e início de 2007, a área expositiva do acervo foi reformada, com elaboração de nova museografia e incorporação de peças significativas dos séculos XX e XXI.

Além de expor sua coleção permanente de exemplares do mobiliário brasileiro dos séculos XVII ao XXI, o MCB reforça, em sua agenda cultural, a vocação para as áreas de arquitetura e design por meio de exposições temporárias e de um programa diversificado de debates, palestras, cursos, oficinas e lançamentos de livros.





## referências:



**Museu Cais do Sertão** - Brasil Arquitetura

Local: Recife, PE  
Data: 2014  
Uso: Museu

Referência em foco: Programa de Necessidades,  
Uso do grande vão como abertura para a orla,  
Articulação com a cidade



**MiCasa Vol.C** - Studio Mk27

Local: São Paulo, SP  
Data: 2018  
Uso: Comercial

Referência em foco: Materialidade do Policarbontato como vedação e MLC como estrutura;  
Transparência e abertura;



**MuBe** - Paulo Mendes da Rocha

Local: São Paulo, SP  
Data: 1995  
Uso: Museu

Referência em foco: Integração com a topografia, materialidade e austeridade;



**Linear House** - Patkau Architects

Local: Vancouver, Canada  
Data: 2017  
Uso: Residencial

Referência em foco: Soluções bioclimáticas como os brises solares, integração com o entorno e a vegetação

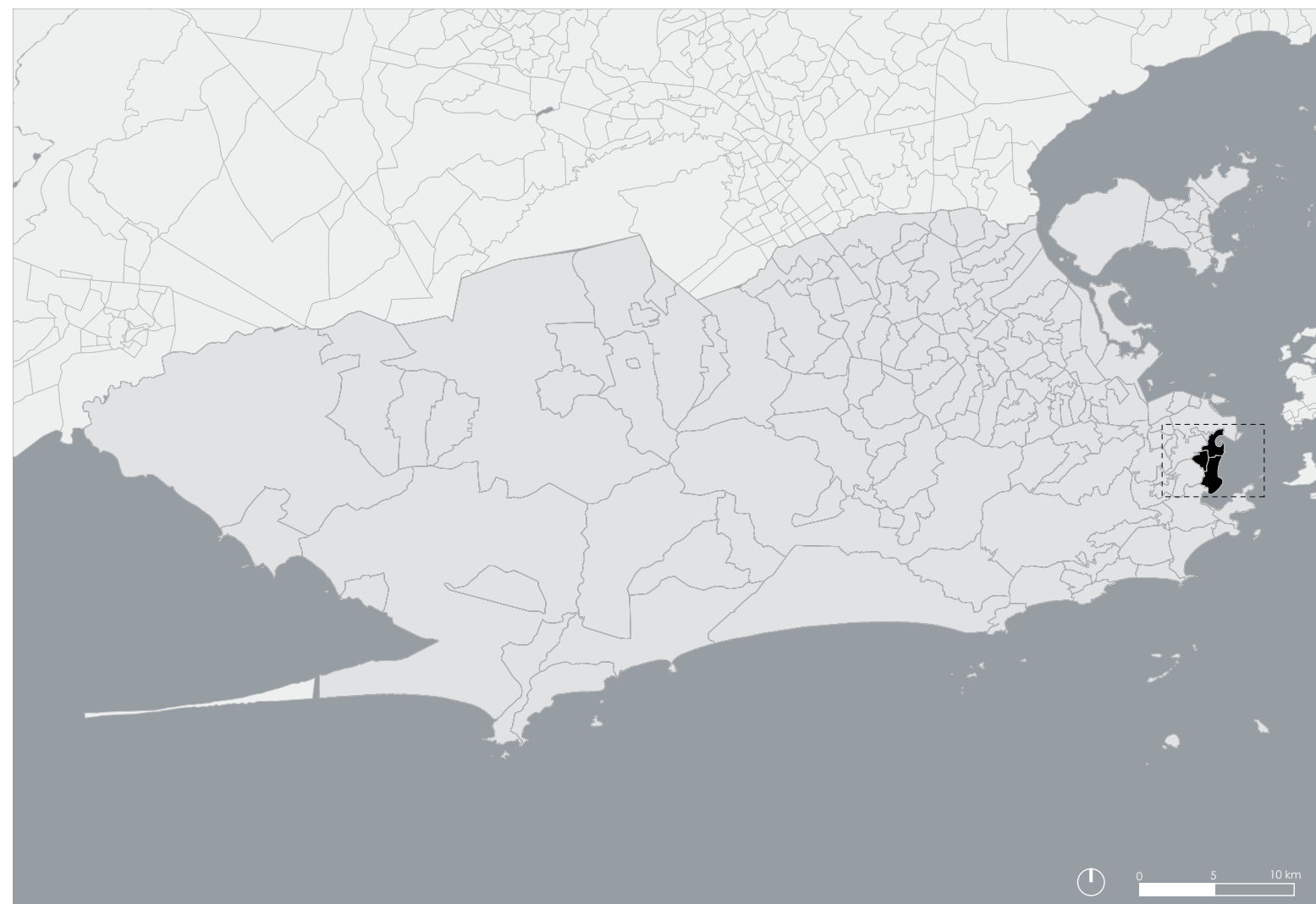
**cap 02:**



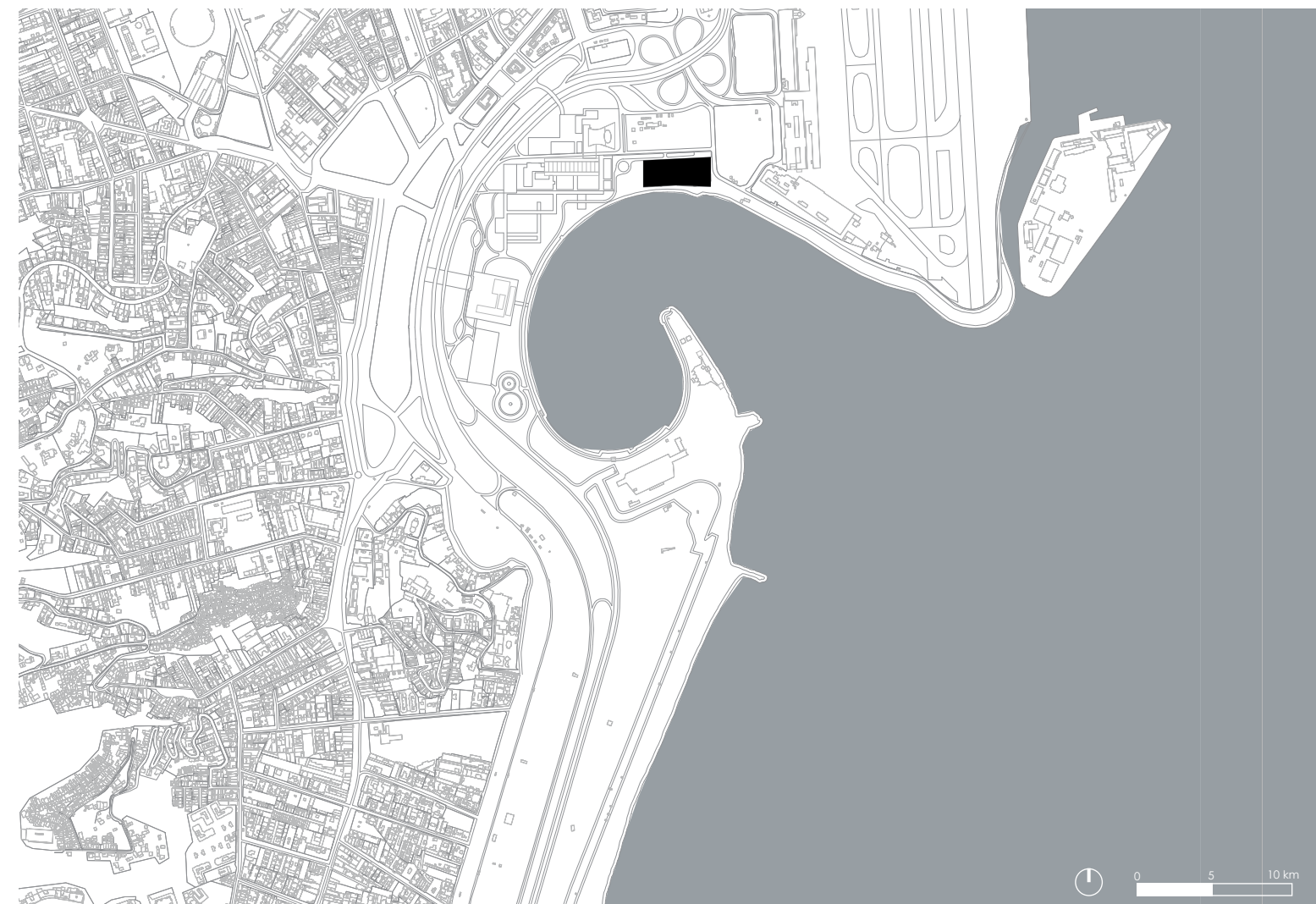
**localidades:**



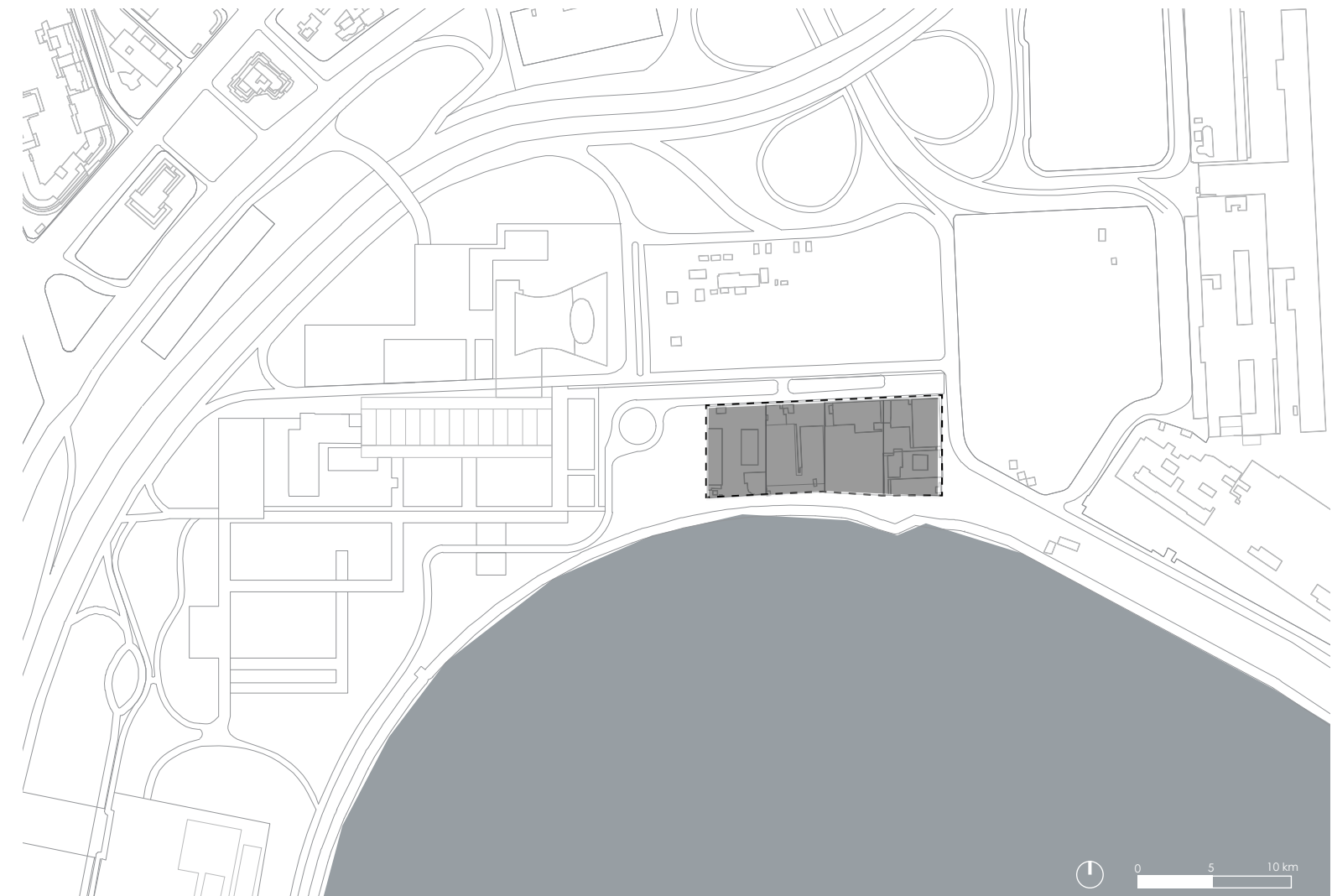
Mapa do Brasil - Destaque para o Estado do Rio de Janeiro, localização do projeto



Rio de Janeiro, RJ



Bairro do Botafogo, com destaque para o Aterro do Flamengo e a área demarcada do terreno



Área demarcada correspondente ao terreno, localizado adjacente ao Museu de Arte Moderna do Rio



## área de intervenção:



O terreno localiza-se dentro do Aterro do Flamengo (Parque Brigadeiro Eduardo Gomes), na Zona Sul do Rio de Janeiro, em área adjacente ao Museu de Arte Moderna – MAM Rio. Localizado em frente à Marina da Glória e ao lado do aeroporto Santos Dumont, o terreno está próximo da Cinelândia, onde estão localizados o Theatro Municipal, a Biblioteca Nacional, o edifício da Escola Superior de Desenho Industrial - ESDI e outros edifícios históricos. Historicamente, a região dos bairros da Glória e do Flamengo se caracteriza como ponto estratégico na malha urbana do Rio de Janeiro, pois além de estar próximo do centro cívico e do centro financeiro, é o ponto de conexão entre a Zona Sul e as Zonas Central e Norte. Ou seja, tanto para os moradores da Zona Norte que trabalhavam na Zona Sul, assim como para os moradores da Zona Sul que trabalhavam no centro cívico

ou no centro financeiro, a região da Glória-Flamengo era ponto de passagem. O problema da urbanização do Aterro Glória-Flamengo teve uma primeira abordagem em 1948 com o projeto de Reidy para o Morro de Santo Antônio. Este projeto propôs uma zona de aterro, a ser ocupada por um grande parque público e por autopistas que ligariam as Zonas Norte e Sul. A proposta de criar um “pulmão” para a cidade, que funcionaria como um parque para as grandes massas, voltou a ganhar força em 1953 durante a realização do projeto do MAM pelo mesmo arquiteto. Estas propostas somente seriam construídas no ano de 1962. O Aterro do Flamengo é uma área aterrada sobre a baía de Guanabara, que cobre desde o aeroporto Santos Dumont, no Centro, até o início da Praia de Botafogo.

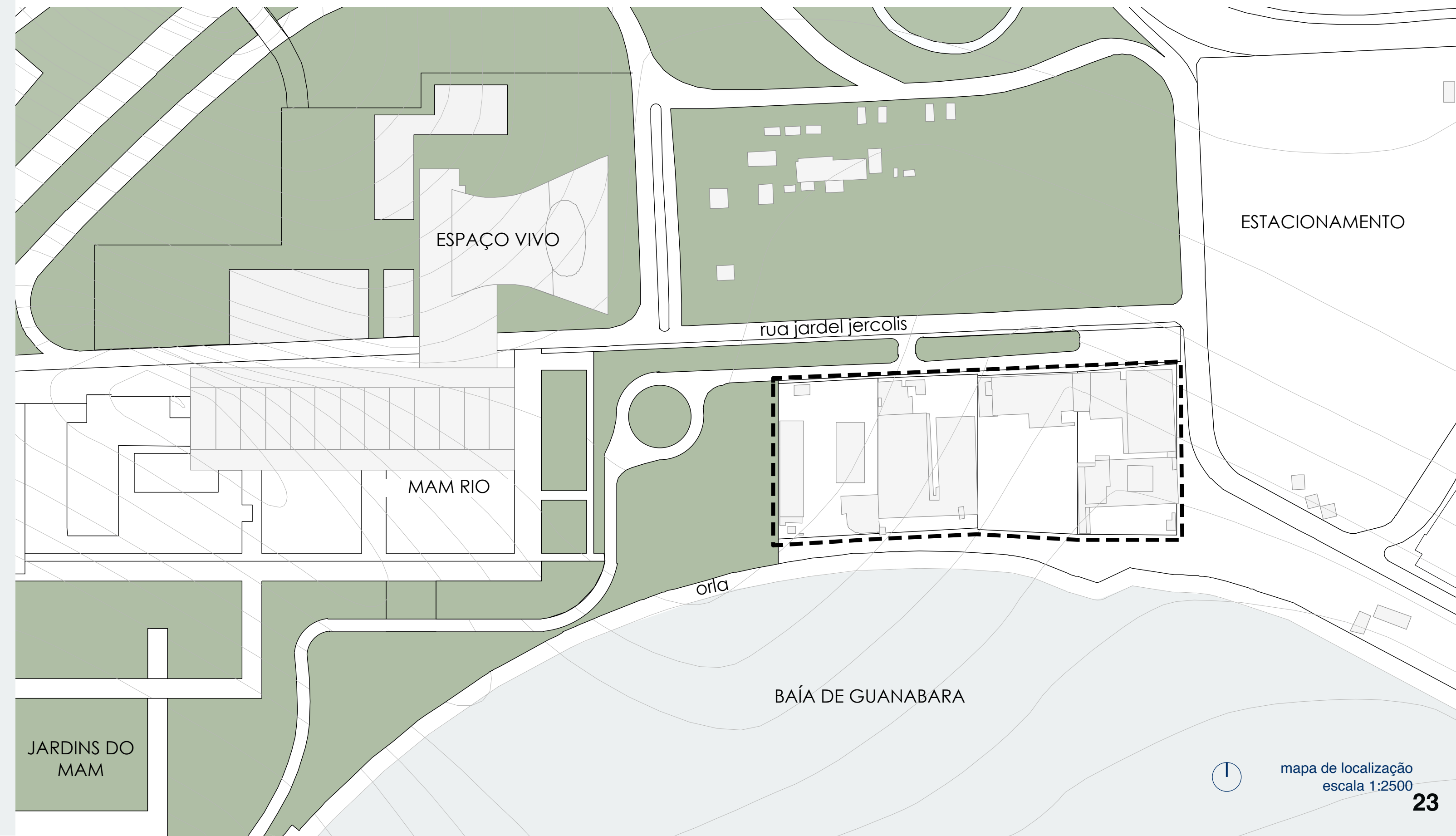






mapa de situação  
escala 1:10000

O projeto conta com dois elementos estruturantes: o sistema viário e o paisagismo democrático. A união entre estes dois elementos é o que confere sucesso à proposta: se o sistema viário de ligação Norte-Sul não fosse realizado, o parque não seria acessível a toda a população da cidade. Por outro lado, o paisagismo de Roberto Burle Marx o transformou em um grande atrativo para os moradores de diferentes regiões. A localização do terreno permite intensa relação com a Avenida General Justo e com o mar. Possui facilidade de acesso por transporte público, em diferentes modais. Permite, ainda, uma vista privilegiada do Pão de Açúcar e da orla da Marina da Glória. Sua relação com o MAM é de grande interesse para este projeto.



mapa de localização  
escala 1:2500



# plano diretor

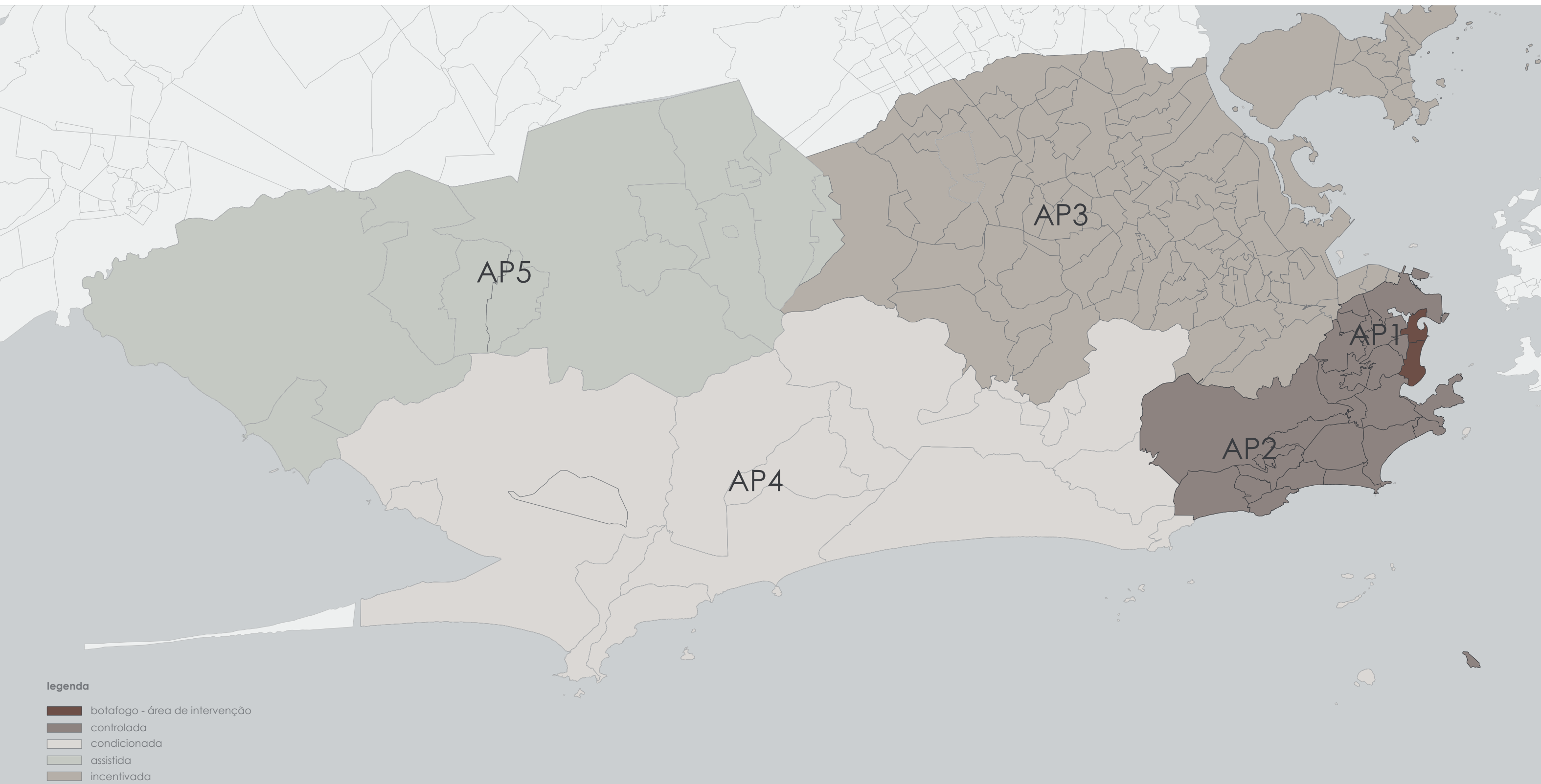
## macrozoneamento AP2.1 – Botafogo (Bairro Flamengo)

Promover a ocupação ou reconversão de imóveis vazios ou subutilizados, em especial das edificações tombadas ou preservadas;

1. Estimular a reconversão de imóveis tombados e preservados, para o uso comercial e de serviços complementares ao uso residencial, atividades de hospedagem, apoio ao turismo, culturais, artísticas e de lazer.

2. estímulo à ocupação de terrenos vazios e à reforma ou reconstrução de imóveis subutilizados, visando o aumento de unidades residenciais;

3. ampliação do comércio de apoio ao uso residencial e ao turismo, com estímulo às atividades turística e cultural, preservando a identidade local;



# plano diretor

## luos





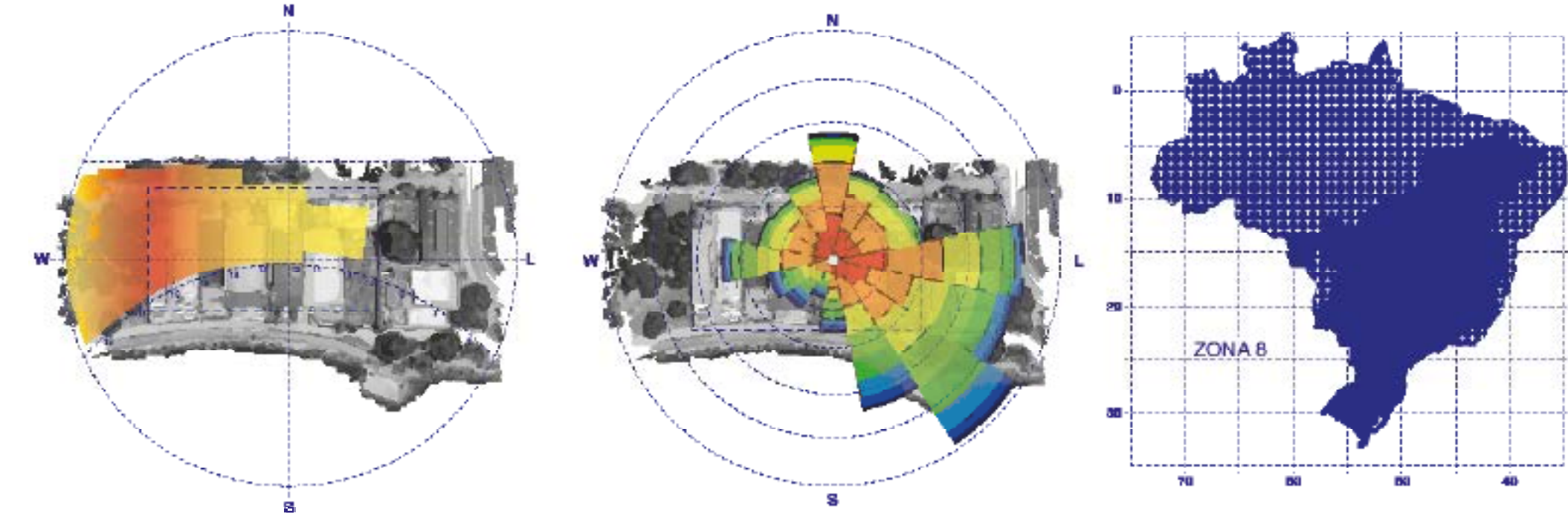
## mapeamento de acessos e transporte



## estudo do terreno | área de intervenção

O estudo bioclimático do terreno mostra a necessidade de demandas projetuais que busquem proteger a fachada nordeste do terreno, essa que apresenta a insolação mais agressiva. Também indica que na fachada sudeste do terreno quase não se tem incidência solar direta, abrindo espaço para abertura mais generosas. Já na rosa dos ventos podemos ver uma incidência dominante dos ventos sudeste, vindos do mar.

A região se apresenta na zona bioclimática 8 segundo o zoneamento bioclimático brasileiro. A mesma preza por demandas projetuais que envolvam grandes aberturas, sempre sombreadas, sistemas de vedações leves e refletores que possam dissipar o calor com facilidade. Recomenda-se o uso de ventilação cruzada o ano todo e a reforça que nos horários mais quentes será necessário o condicionamento artificial.



## estudo do terreno | parâmetros urbanísticos

Dados Técnicos:

Logradouro: 147249 - Rua Jardel Jercolis

Bairro: Glória RA: IV AP: 2

Unidade SMDEIS: GLF - Botafogo

Gabarito:

De acordo com o decreto Decreto 322/1976, para edificações afastadas das divisas:

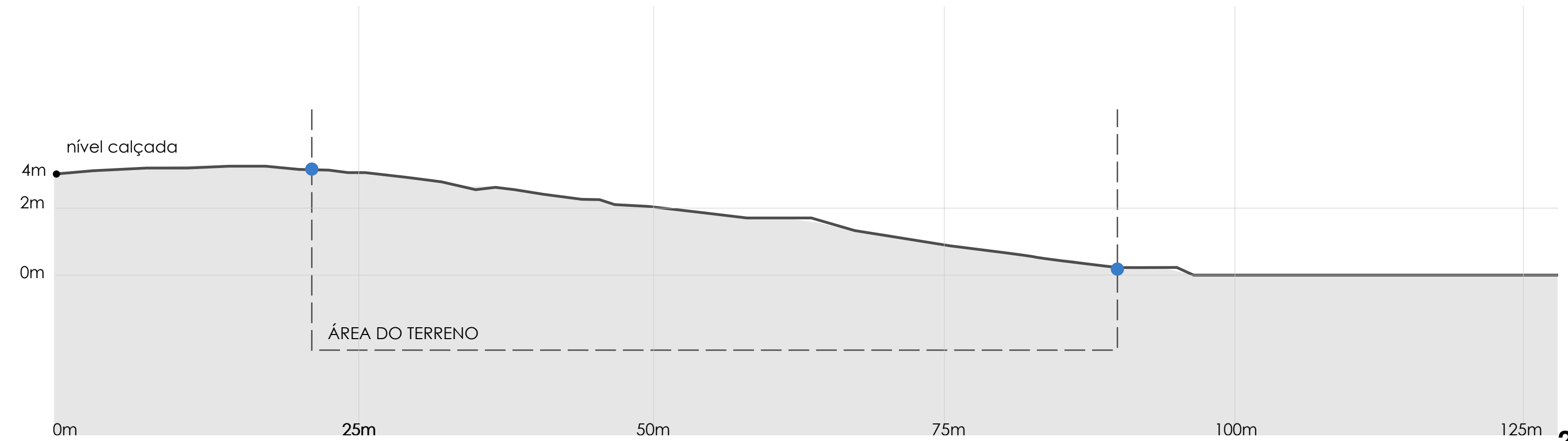
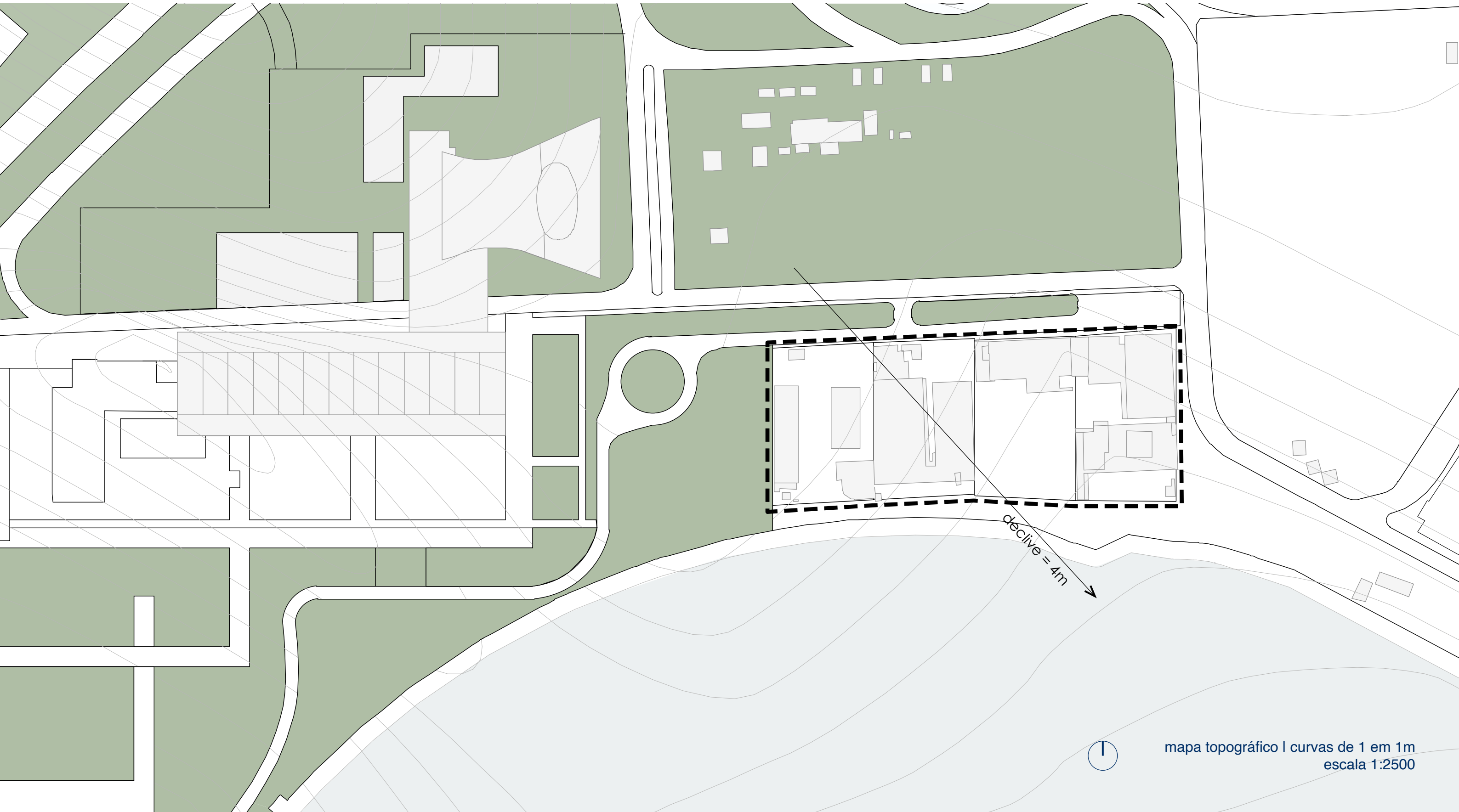
A edificação afastada das divisas poderá ter até 11 (onze) pavimentos, quando a cota de soleira for menor ou igual a + 10m (mais dez metros) em relação ao nível médio do mar;

Índice de Aproveitamento do Terreno (IAT PD 2013)

3,5/4,0 m (CB3) Lei Complementar 111/2011



# mapa topográfico









# programa



**salas de exposição permanente:**  
sala 01 – a geração dos pioneiros 250m2  
sala 02 – consolidação da produção 250m2  
sala 03 – nacionalismo no mobiliário 250m2  
sala 04 – função e transformação 250m2  
sala 05 - a nova geração 250m2  
**total: 1250m2**

**salas de exposição temporária:**  
exposição temporária 01 (600m2)  
exposição temporária 02 (600m2)  
**total: 1200m2**

**Recepção museu + credenciamento + hall descanso (600m2)**

**Café mirante 100p (200m2)**

**restaurante 150p 400m2**

**auditório + foyer 150p 400m2**

**acessos e depósito dml e sanitários 200m2**

**circulação 760M2**

**hall descanso 100M2**

**Lojinhas (20m2)**

TOTAL: 4.000m2



**Recepção midiateca (400m2)**

**Galpão multiuso (400m2)**

**acessos e depósito dml e sanitários 200m2**

**Salas de aula (2x50m2) 100m2**

TOTAL: 1.100m2



**reserva permanente (200m2)**

**reserva temporária (200m2)**

**Lab Restauro (50m2)**

**Montagem/ Catalogação (50m2)**

**Lab Restauro (50m2)**

**Adm e Diretoria (50m2)**

**Segurança (25m2)**

**Copa (25m2)**

**Sala descompressão funcionários (25m2)**

**lixo (25m2)**

**Salas técnicas (25m2)**

**Central ar condicionado (25m2)**

**Acessos e depósito dml e sanitários (200m2)**

**carga e descarga (400m2)**

TOTAL: 1300m2



**Estacionamento (1000m2)**

**Bicicletário (1000m2)**

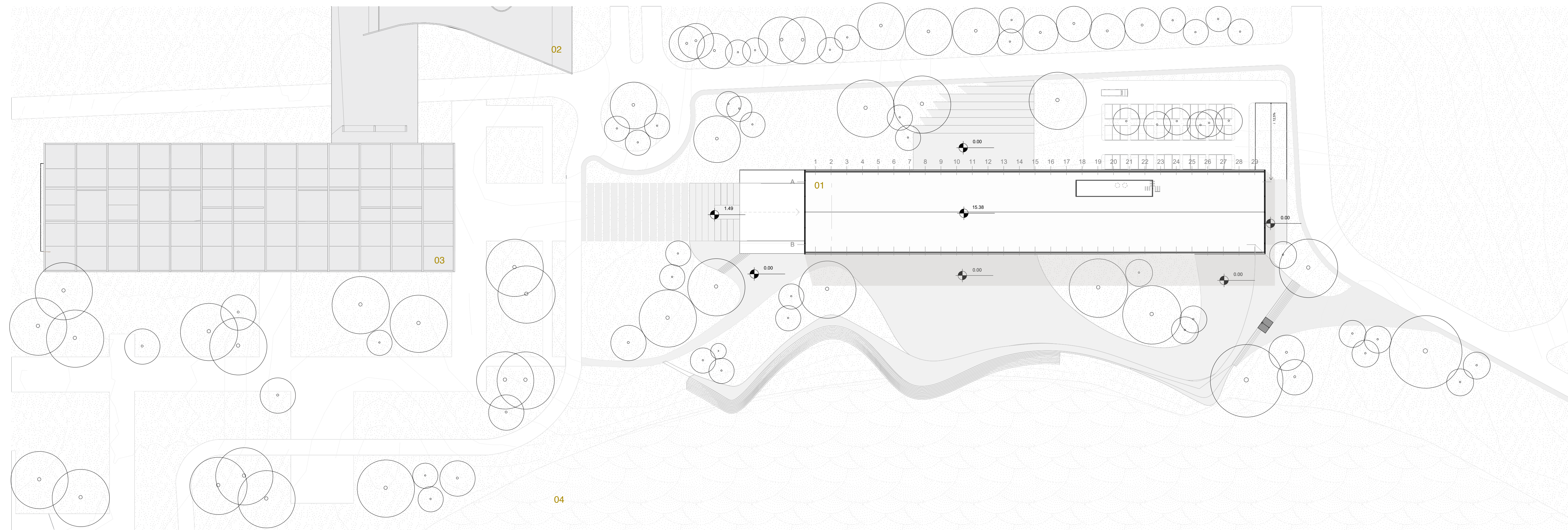
**MMoB**  
Total 8.400m2 para 1500 visitas diárias

**cap 03:**





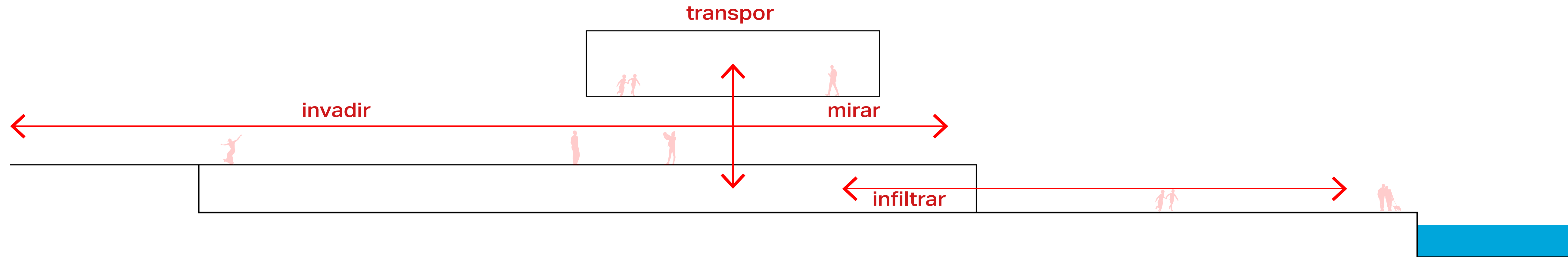




legenda: 01- Museu do Mobiliário Brasileiro; 02 - Teatro Vivo ; 03- MAM-Rio; 04- Baía de Guanabara

\_planta de implantação  
escala 1:700





**mirar**

com as aberturas na volumetria e a proposta do grande vão, retoma-se a vista para o mar e jardins do parque;

**infiltrar**

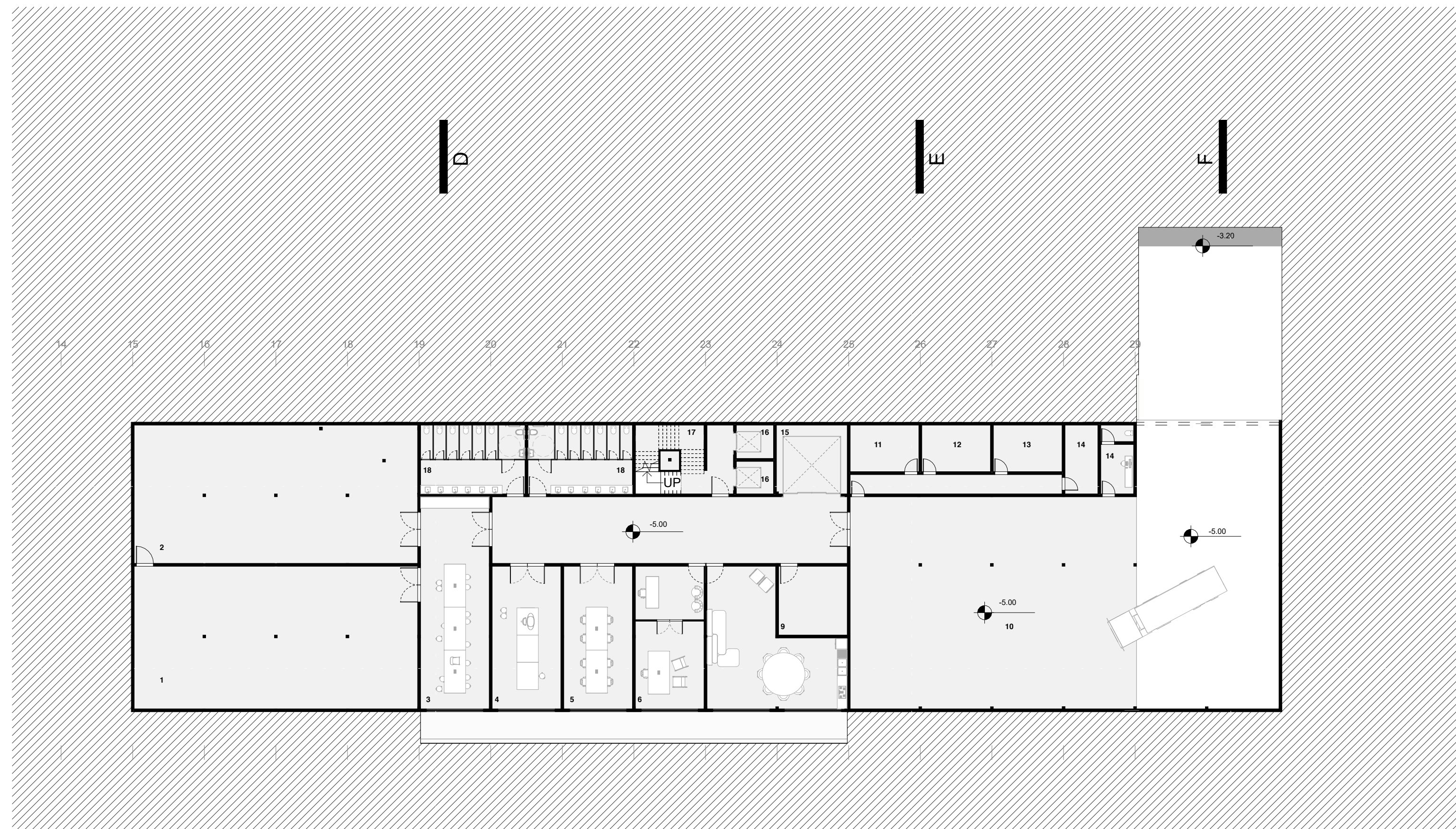
a proposta da base topográfica no nível -3.00 fará frente com a orla caminhável, numa cota contínua que construírá uma borda de aproximação entre os usos e os jardins, evidenciando a topografia do terreno e seu declívio natural

**invadir**

um piso elevado se nivela com a cota do primeiro piso do MAM atravessando o sentido leste-oeste do terreno como uma rua

**transpor**

a interseção entre os planos em diferentes níveis possibilita os acessos e dão legibilidade ao conjunto: integra-se, como num percurso, parque, edifício, jardim e mar

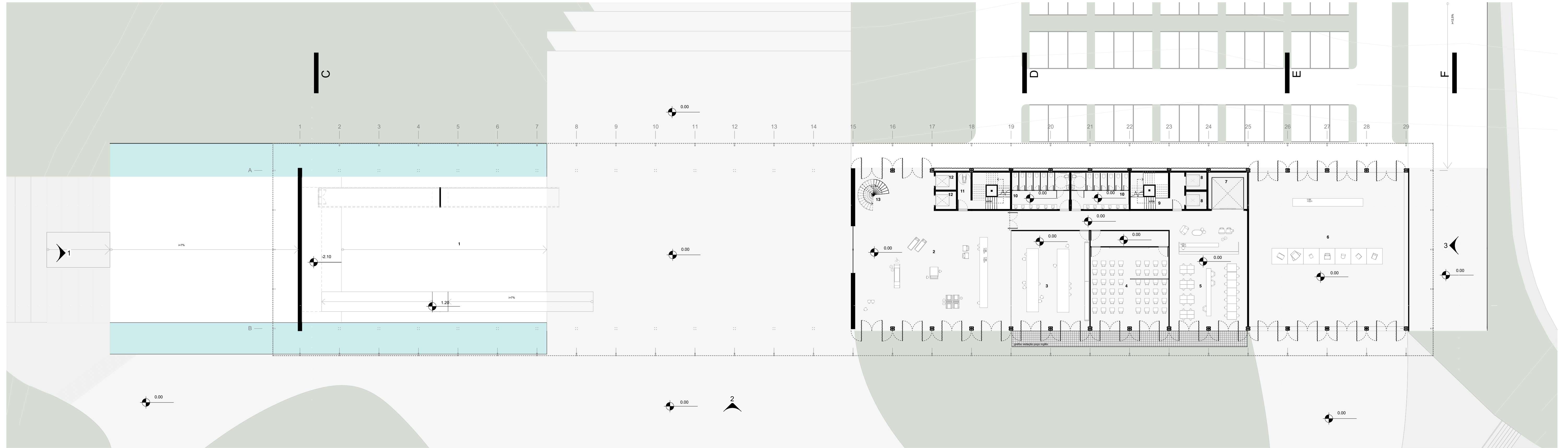


planta baixa subsolo escala 1:250

01 – reserva técnica acervo temporário; 02- reserva técnica acervo permanente; 03- lab. restauro e conservação; 04-montagem; 05- catalogação; 06- adm;  
 07- descompressão; 08- copa; 09- lixo; 10- carga/descarga; 11,12,13 –salas técnicas; 14- guarita; 15- elevador carga/descarga; 16- elevador funcionários; 17- escada incêndio funcionários; 18 - sanitários

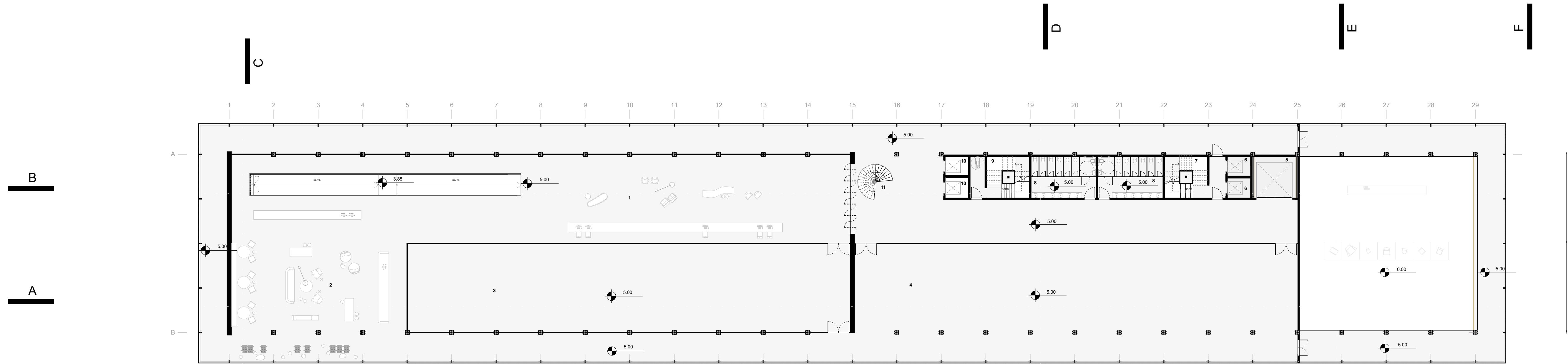






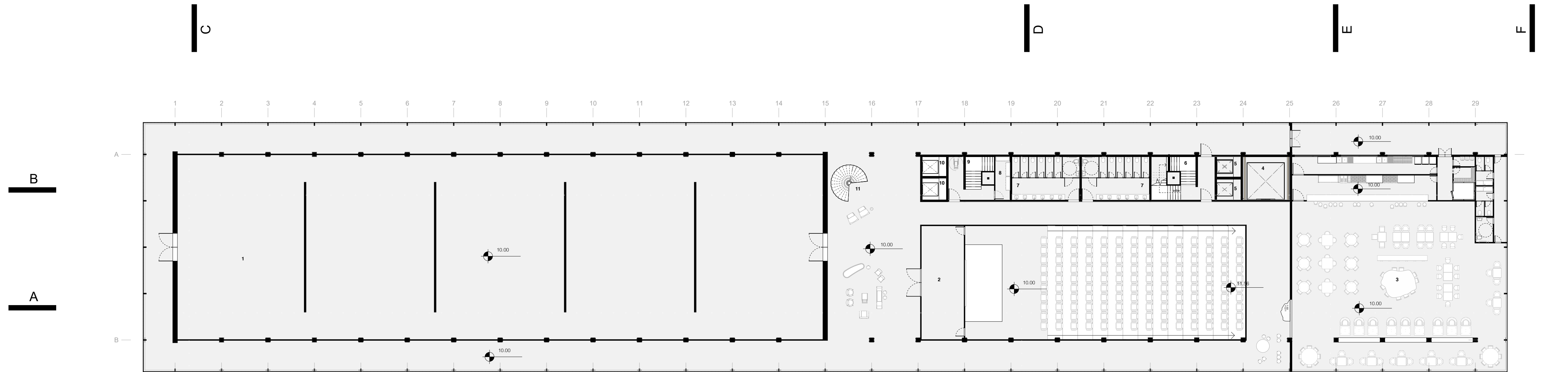
planta baixa térreo escala 1:250

1- vão livre e rampa de acesso; 2- recepção e controle midiática; 3- sala de aula; 4- oficina; 5- biblioteca; 6- galpão multiuso; 7-elevador carga/descarga; 8; elevadores funcionários; 9- escada incêndio funcionários; 10- sanitários; 11- escada incêndio público; 12- elevadores público; 13-escada acesso museu



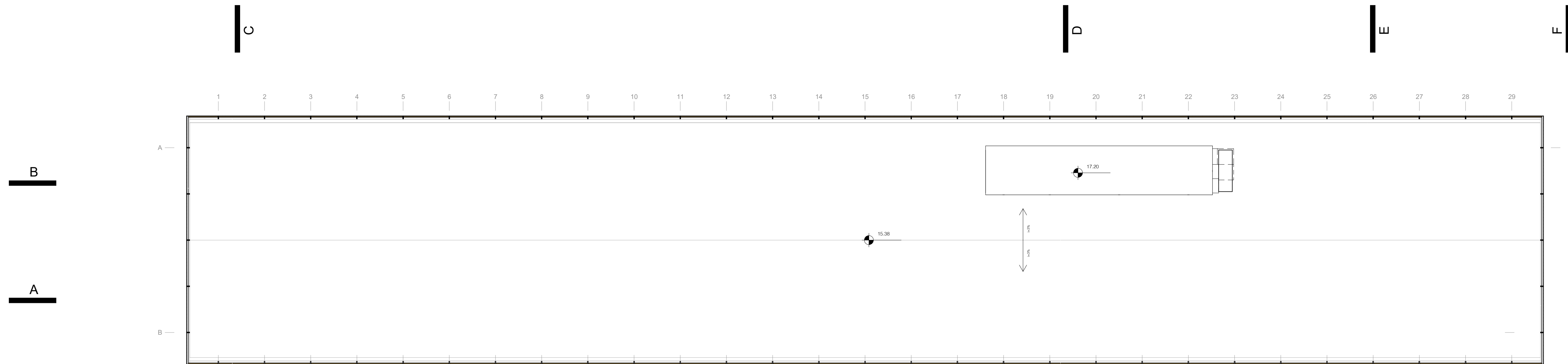
planta primeiro pavimento escala 1:250

1- recepção e controle museu; 2- café mirante; 3- exposição temporária 01; 4- exposição temporária 02; 5- elevador carga/descarga; 6- elevadores funcionários; 7- escada incêndio funcionários; 08- sanitários; 09- escada incêndio público; 10- elevadores público; 11-escada

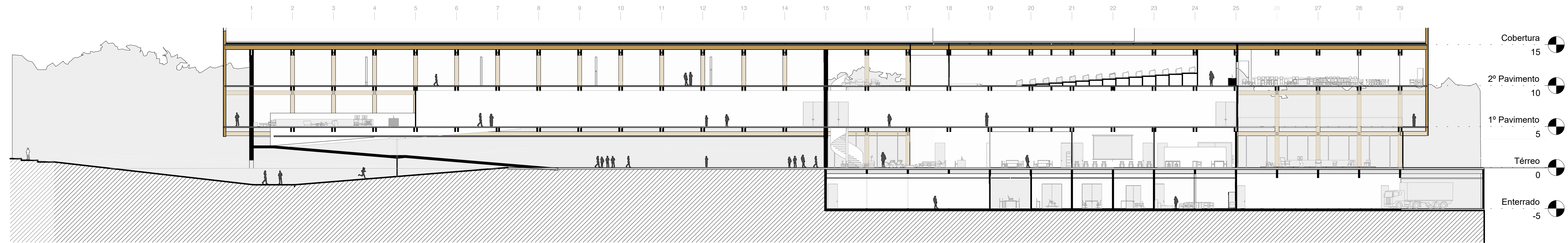


planta segundo pavimento escala 1:250

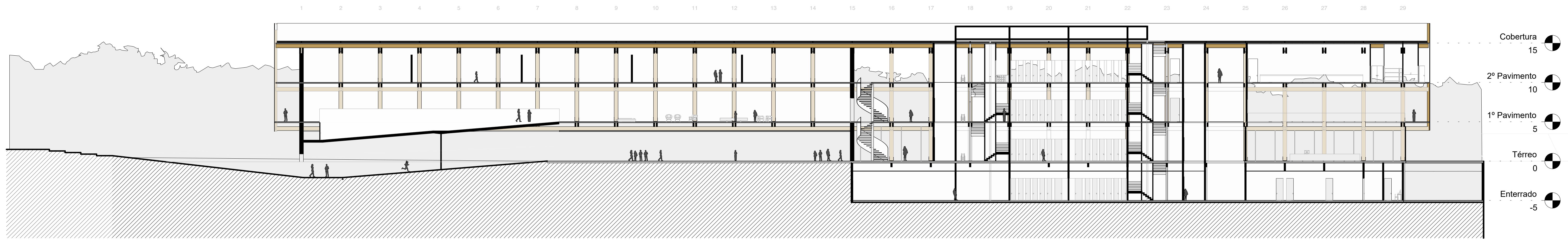
01 - exposição permanente; 02- auditório + foyer; 03- restaurante; 04- elevador carga/descarga; 05; elevadores funcionários;  
 06- escada incêndio funcionários; 07- sanitários; 08- D.M.L/ 09- escada incêndio público; 10- elevadores público; 11-escada



planta cobertura escala 1:250

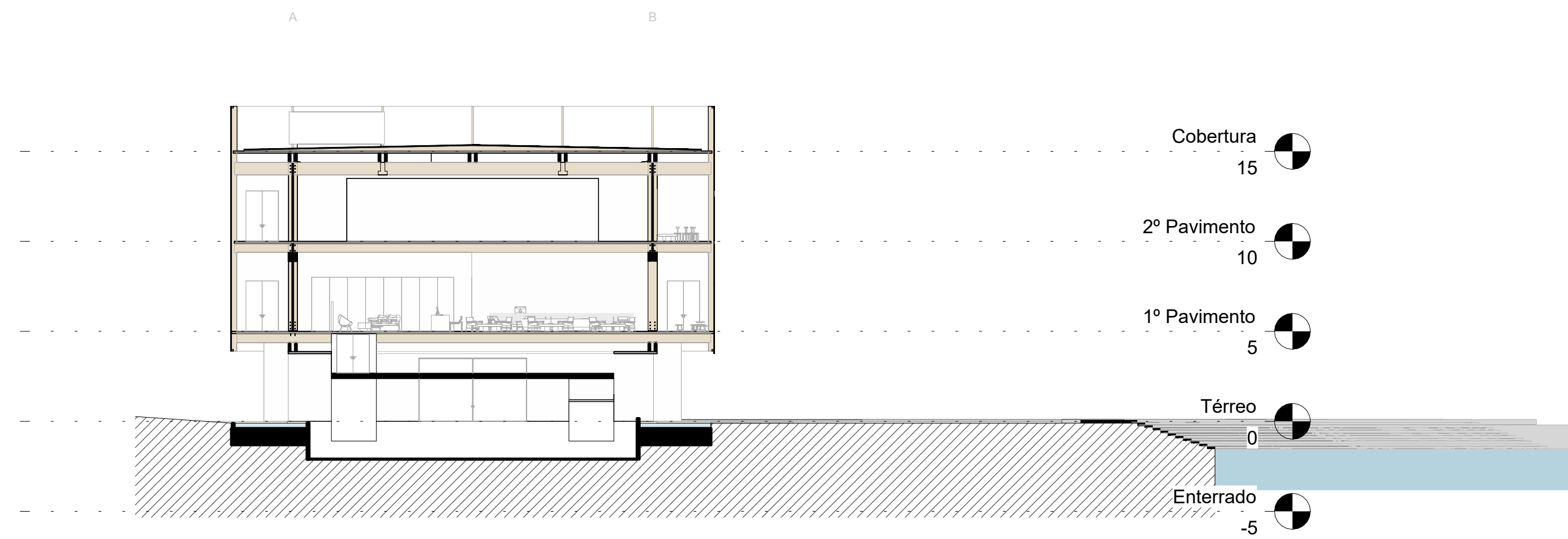


corte AA escala 1:250

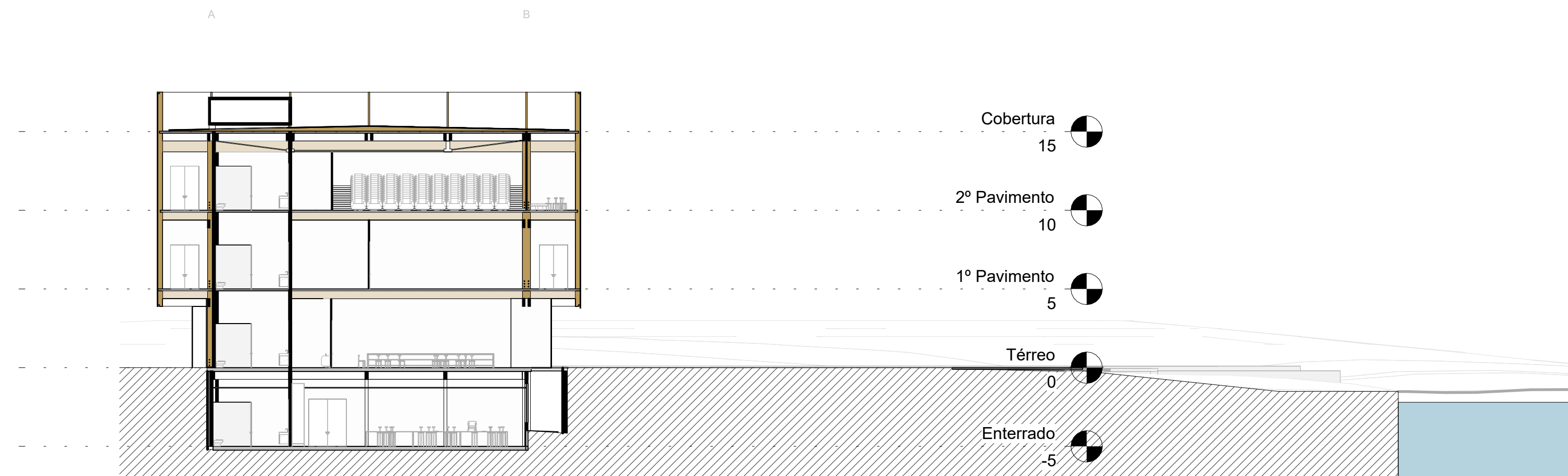


corte BB escala 1:250

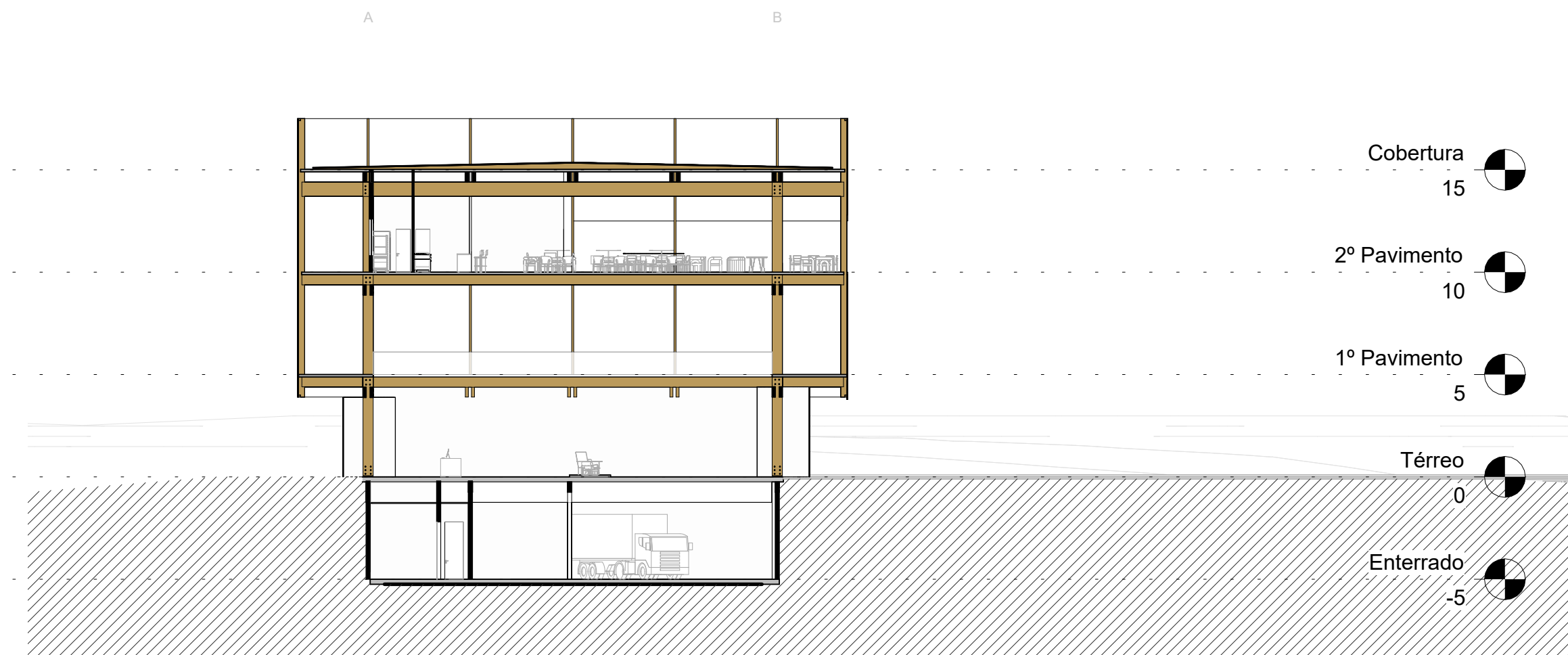




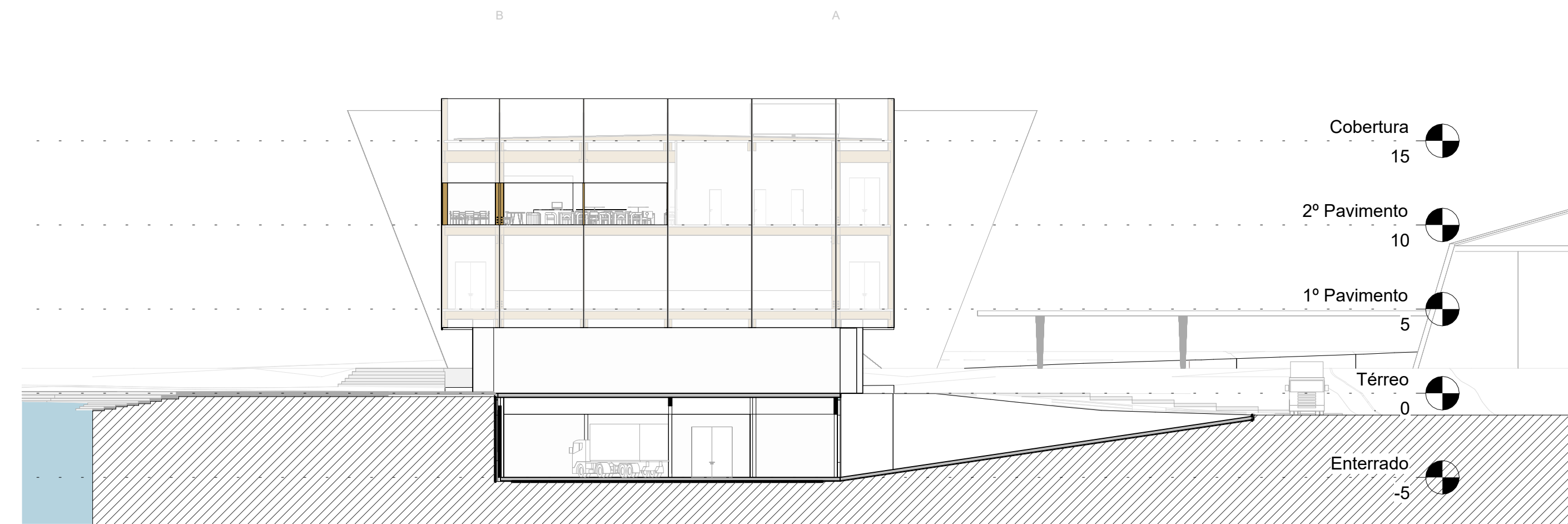
corte CC escala 1:250



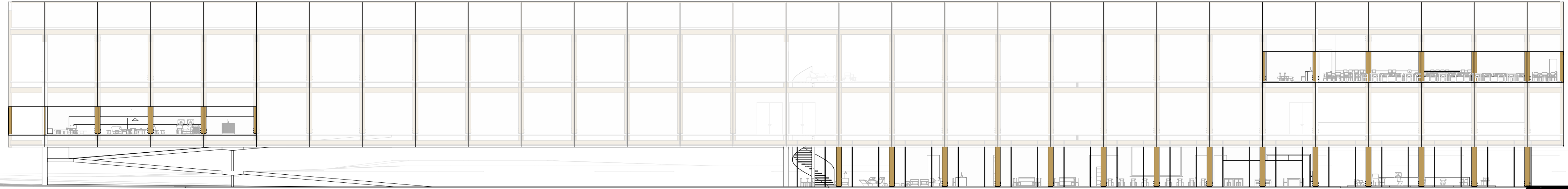
corte DD escala 1:250



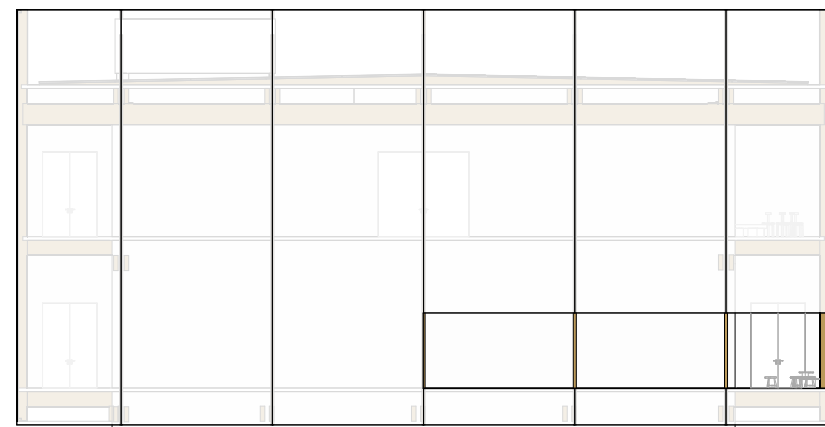
corte EE escala 1:250



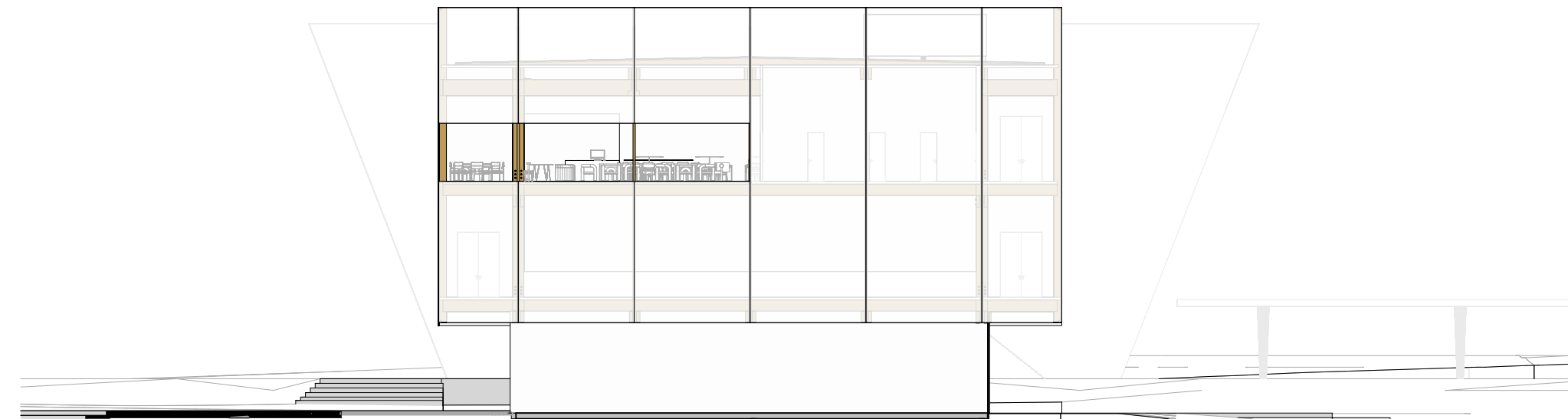
corte FF escala 1:250



Fachada Lateral Esquerda (vista ao mar) escala 1:250



Fachada Frontal (vista mar) escala 1:250



Fachada Posterior escala 1:250



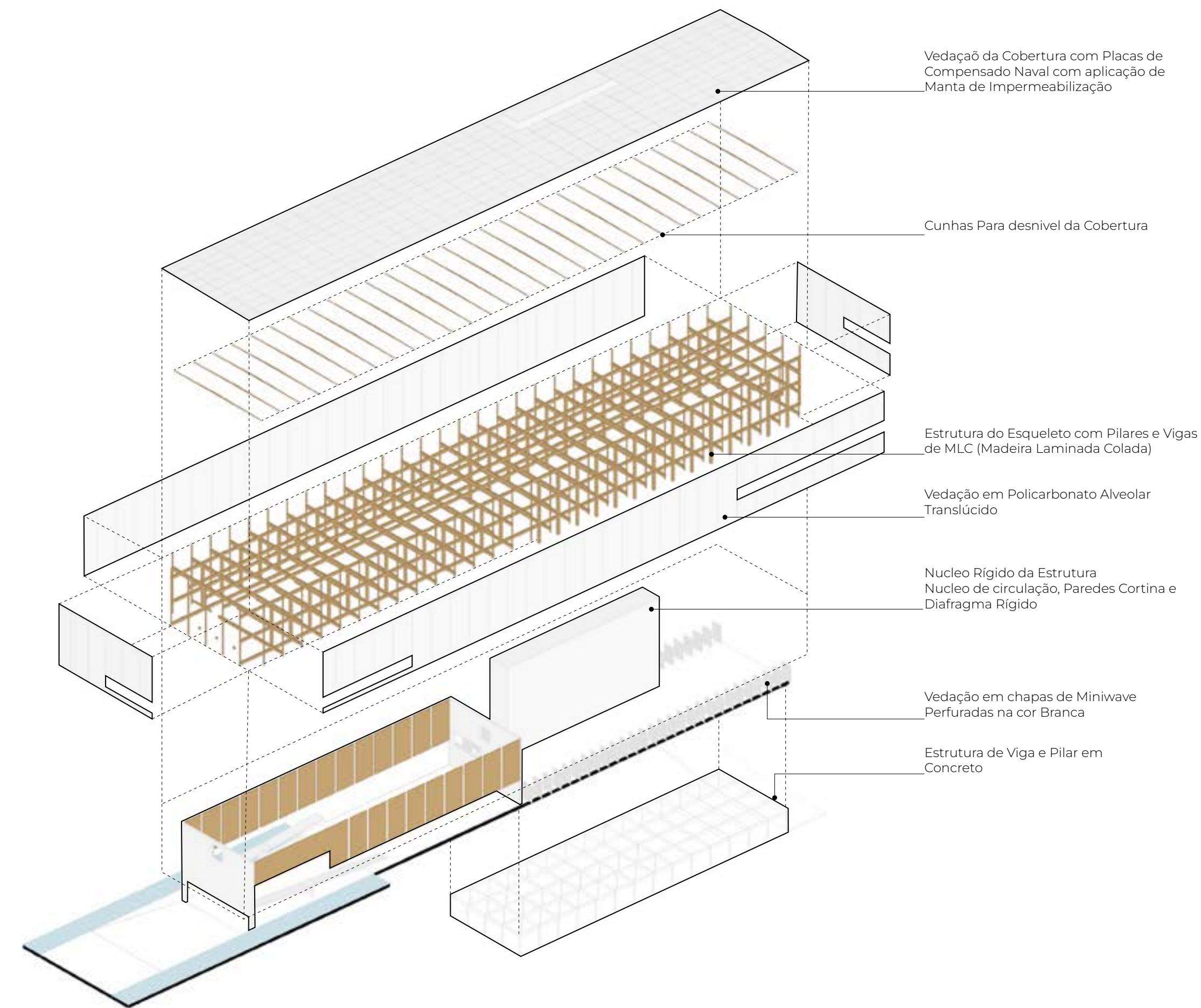


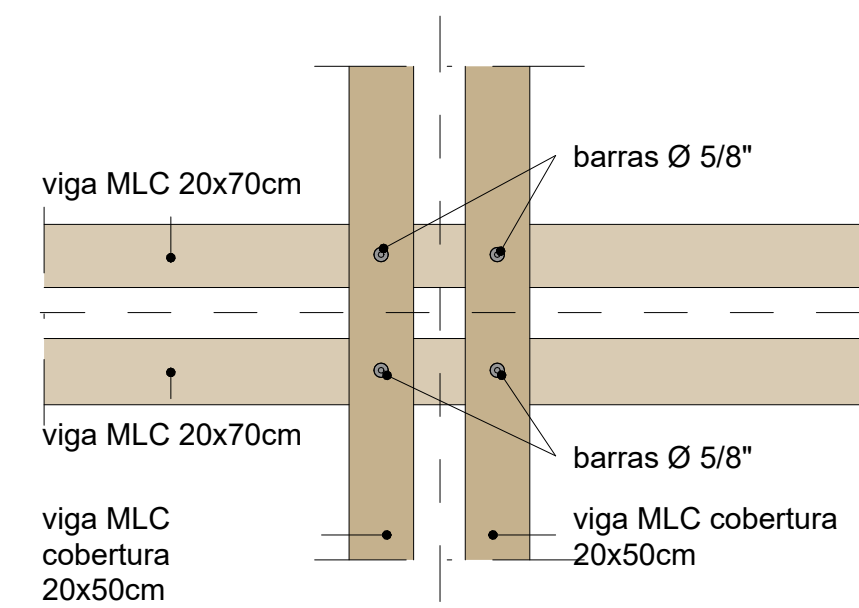
vista chegada recepção ao museu



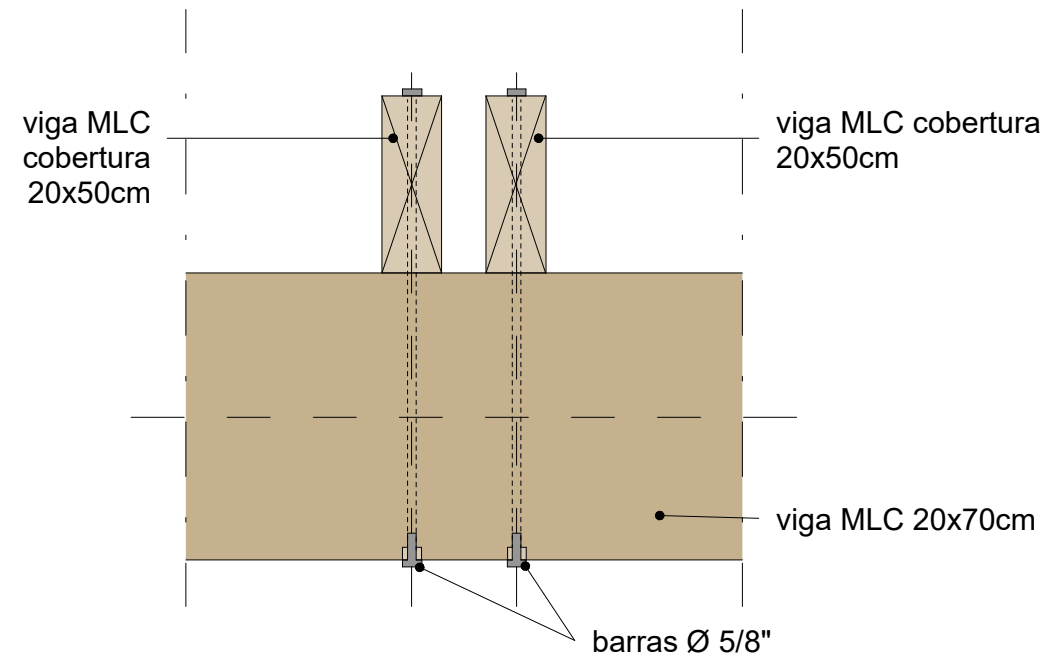
vista café e circulação



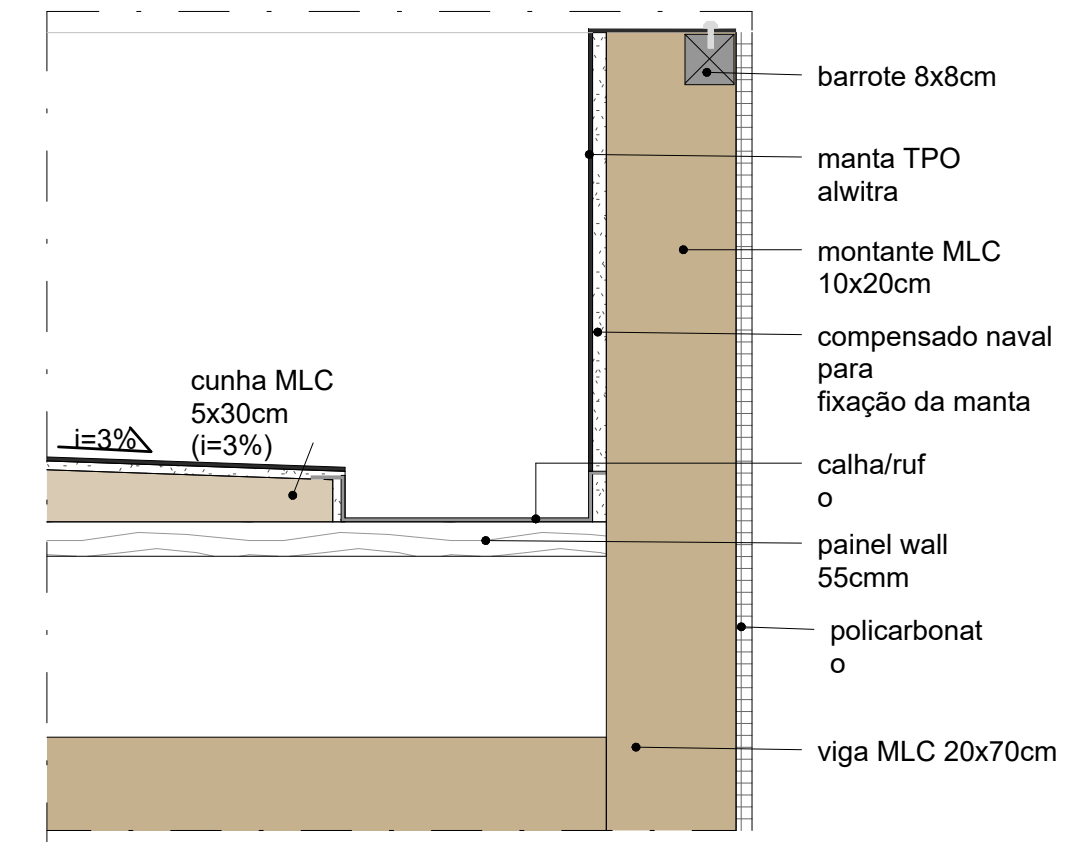




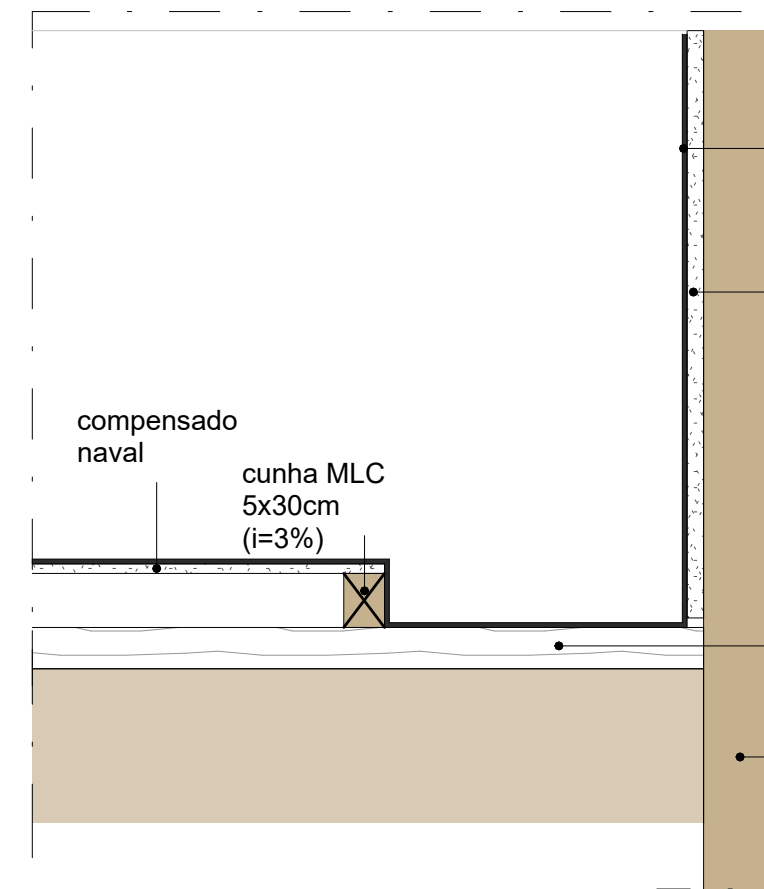
**det.01** detalhe fixação das vigas de cobertura - vista superior  
escala 1:25



**det.02** detalhe fixação das vigas de cobertura - vista  
escala 1:25



**det.03** detalhe cobertura com calha  
escala 1:25



**det.04** detalhe cobertura sem calha  
escala 1:25



